

# Trajétória do poder e transformações na vida política (sul de Minas, Estação Dias, 1940-1990)<sup>1</sup>

Igor José de Renó Machado<sup>2</sup>

## História de vida

Antônio Gomes Oliveira iniciou sua trajetória marcante num lance de sorte: ganhou na loteria federal uma quantia considerável, que lhe possibilitou um salto definitivo na sua vida. Antes disso, como filho de um modesto funcionário da rede Sul mineira de estradas de ferro, vindo de Jesuânia para Dias (um distrito do município de Brasópolis)<sup>3</sup> por volta de 1920, sustentava-se com empregos de pequena expressão, que se podiam encontrar por ali. Casou-se em 1935 e trabalhava numa venda arrendada. Logo passou a trabalhar na máquina de beneficiamento de café

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é uma versão modificada do capítulo 3 da dissertação de mestrado “Dias em movimento: espaço e poder numa ‘comunidade-dormitório’ mineira”, defendida em agosto de 1997, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), orientada por Bela Feldman-Bianco e financiada pelo CNPq.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais, IFCH, UNICAMP, pesquisador do CEMI (Centro de Estudos de Migrações Internacionais) e Professor da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador da área de migrações internacionais, relações raciais e política local.

<sup>3</sup> O distrito é Estação Dias, parte do município de Brasópolis. O município ocupa uma área de 487 km<sup>2</sup>. Situa-se ao sul de Minas, perto de Itajubá, Pouso Alegre e Poços de Caldas. Tem como coordenadas geográficas: latitude sul, 22° 28' 20"; longitude W 45° 37' 20"; altitude: 851m.

de Dias, o único lugar a oferecer alternativas de emprego, além da própria lavoura de café. Lembremo-nos que o Sul e a Zona da Mata Mineiros eram os principais produtores de café em Minas, estado que até 1930 era responsável por metade da produção de café brasileiro. Embora as fronteiras agrícolas tenham se estendido para o sul do país, além de Mato Grosso do Sul e Goiás, devido ao esgotamento do solo e da pouca produtividade do café mineiro, a área de lavouras em Minas Gerais praticamente estagnou entre 1940 e 1970, como atesta Diniz<sup>4</sup>. Assim, na década de 40, quando começava a carreira de Antônio<sup>5</sup>, o café era a principal atividade econômica no sul de Minas, embora estivesse numa fase de decadência que se estenderia até os anos 70. Mesmo assim, o café era o centro da vida econômica naquela época, quando o auge da produção, que se deu por volta de 1910, ainda ecoava na lembrança da região.

Em Dias, a vida girava em torno da máquina de beneficiamento de café, que funcionava como um centro comercial regional. Todos os pequenos produtores de café vendiam suas produções para os donos da máquina, que arcavam com os custos do transporte, buscavam o café e, depois de beneficiá-lo, o revendiam no mercado mais amplo. Além dos donos da máquina em Dias, havia em Itajubá outro revendedor de café, que comprava o café beneficiado. Mas mesmo esse café era, geralmente, beneficiado em Dias, que contava com um grande galpão e muitos empregados para executar os serviços. Um desses empregados era Antônio, que logo se destacou entre tantos outros e foi “subindo” na hierarquia de trabalho da máquina de café. Logo passou a ser o responsável pela linha de produção, uma espécie de capataz que controlava o serviço dos empregados. Separava-se o café por tamanho, qualidade e cor, para depois processar-se o beneficiamento. Antônio era o inspetor desses

---

<sup>4</sup> DINIZ, Clélio Campolina. O Paradoxo Mineiro: Fortalecimento Econômico e Enfraquecimento Político. In *III Seminário de Economia Mineira*. Belo Horizonte, CEDEPLAR/Face/UFMG, 1986.

<sup>5</sup>A partir de agora passarei a chamar Antônio Gomes de Oliveira apenas de Antônio, em favor de um texto mais agradável.

trabalhadores, fiscalizando a rapidez e eficiência do trabalho.

Quando executava essa função, já casado e com os primeiros filhos nascidos, veio o destino entregar-lhe uma pequena fortuna nas mãos, através de um bilhete sorteado. Com esse dinheiro, Antônio comprou outra máquina de café, que foi instalada ali mesmo em Dias. Como capataz da primeira máquina de café, travara conhecimento direto com a maioria dos produtores cafeeiros e dispunha de um bom relacionamento com a maioria deles. Além dessa sorte “em espécie”, Antônio contou com uma circunstância fundamental para seu desenvolvimento econômico: o dono da máquina de café da qual fora empregado já se encontrava em idade avançada e desmotivado para a negociação que outrora era bem mais rentável, vivia em Itajubá, deixando todos os encargos por conta de Antônio. Quando esse decidiu abrir outra máquina de café, em sociedade com outro comerciante itajubense, o antigo dono decidiu desmontar a máquina e vender seus aparatos, que foram comprados por Antônio e seu sócio.

Assim, a partir de algumas circunstâncias fortuitas, iniciou-se a ascensão econômica de Antônio, que passou a concentrar a maior renda de Dias, como centralizador de todo capital que passava pela região de Brasópolis. Antônio começou sua carreira como um intermediário econômico entre produtores e grandes revendedores de café. Juntamente com essa ascensão econômica, passou a dedicar-se à política local, projetando-se definitivamente nesse cenário. Essa ascensão econômica e política influenciaram-se mutuamente, uma sendo trampolim da outra, como veremos. O fato é que, como centralizador da vida econômica da região, Antônio conhecia a maioria das pessoas do lugar, tendo o cuidado de cultivar uma imagem de homem sério, honesto e prestativo. Assim, não foi difícil prever sua primeira eleição para vereador, em 1951. A essa primeira seguiram-se mais cinco mandatos como vereador e mais um como vice-prefeito, sendo que em quatro dos mandatos, foi o presidente da câmara municipal. Participou quase ininterruptamente da vida política de Brasópolis entre 1951 e 1982, não exercendo cargo

público apenas no quadriênio 1959/63. Em 1971 foi eleito vice-prefeito e teve o título de *comendador* conferido pelo governo estadual.

## Patronagem e mediadores

Caniello<sup>6</sup> defende a idéia de que a patronagem é baseada num código ético que permite ser entendida como uma linguagem de uma cultura específica. Seu interesse é “*visualizar a lógica que informa a patronagem - ou seu código performador, o padrão ético*”<sup>7</sup>. Assim, através de características básicas, todas levantadas por uma bibliografia clássica sobre patronagem<sup>8</sup>, se percebe qual forma toma esse código. Interessa aqui acompanhar as cinco características levantadas como básicas através da leitura que o autor fez desses clássicos e comparar sistematicamente com a situação de Antônio e de Dias.

A necessária tensão entre centro e periferia, na qual a patronagem ocupa a segunda posição, leva a práticas alternativas de busca de favorecimentos<sup>9</sup>. Obviamente, Antônio executava parte dessas “práticas alternativas”, dentro de um código pessoalizante de conduta política, pois como “dono” de um número expressivo de votos, negociava benefícios em seu nome. Um outro ponto levantado é a *relação entre desiguais*: não há dúvida que Antônio ocupava uma condição favorável, como dono da máquina de café, não como produtor, frise-se. Numa região marcada por uma grande quantidade de pequenas e médias propriedades, o fato de ser o comerciante pelo qual esses plantadores *tinham* que passar (é impossível vender café sem ser beneficiado, a não ser que se venda para o dono da máquina que vai executar tal serviço)

---

<sup>6</sup> CANIELLO, Márcio. Patronagem e Rivalidade, In *RBCS*, nº14, outubro de 1990.

<sup>7</sup> Idem, pp 47.

<sup>8</sup> NUNES LEAL, V.. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo, Alfa e Ômega, 1976; PEREIRA QUEIRÓZ, M. I. “O coronelismo numa interpretação sociológica”. In Fausto, B. (org.). *História geral da civilização brasileira*. vol. III, São Paulo, Difel, 1975.

<sup>9</sup> CANIELLO, op. Cit., p. 49.

dava uma grande vantagem a Antônio, tornando-o desigual, nesse sentido. Executava uma função de intermediário quase que compulsória, pois não havia muitas alternativas aos plantadores de café.

Esse tipo de desigualdade levava a uma *reciprocidade desequilibrada*, em que bens dos mais variados tipos são concedidos pelo patrão, em troca de fidelidade, prestígio social, e, claro, votos. Todos os tipos de favores eram prestados por Antônio, desde empréstimos até cuidados médicos, como um grande “pai” comunitário. Essa característica leva à outra levantada por Caniello, o *status social* do qual se investe o chefe, e a figura de patrão, *big boss*, que lhe é concedida por sua clientela. Antônio, inequivocamente, foi o grande chefe de Dias durante mais de trinta anos. Por fim, a característica mais evidente: *a base pessoal* da patronagem, que leva a relações diretas, sem intermediários, que têm longa duração, baseadas na confiança e na amizade<sup>10</sup>. Características também presentes na dominação exercida por Antônio, definitivamente pessoal, pois até era regra que ele apelidasse todos aqueles que com ele tinham essa relação de clientela; marcando automaticamente sua proximidade, para poder conceder apelidos, e sua posição hierarquicamente superior, para poder impô-los<sup>11</sup>.

Antônio cumpria uma função já analisada por alguns autores, como intermediário político, pois em Minas, como nos diz Arruda<sup>12</sup>,

No âmbito local, os chefes são predominantemente fazendeiros, ligados nos planos estadual e federal a alguns

<sup>10</sup> CANIELLO, op. Cit., pp. 49\50.

<sup>11</sup>Dora, filha de Antônio, lembrou de como ele sempre dava apelidos a todos os que trabalhavam para ele, e que esses apelidos eram automaticamente tomados como nome, e os trabalhadores eram sempre, depois de apelidados, chamados apenas pelos apelidos. As pessoas eram, mais ou menos, “rebatizadas” por Antônio, marcando uma afinidade e uma relação hierárquica de pertença ao seu círculo mais restrito. Compradores de café mais conhecidos eram também apelidados, embora esses apelidos não “pegassem” necessariamente, ao contrário daqueles dados aos empregados.

<sup>12</sup>ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

representantes desses setores. No passado denominados “coronéis”, são peças importantes nos momentos eleitorais. No município, as conexões entre atividades produtivas e a política são claramente visíveis. Esses chefes políticos utilizam-se do controle que exercem sobre os eleitores para auferir vantagens de ordem material, barganhando votos pelo uso privado das instituições públicas.<sup>13</sup>

Antônio era conhecido exatamente como o “coronelzão” de Dias, que exercia sua autoridade implacavelmente. Porém, a diferença básica em relação ao perfil dos coronéis mais antigos, do começo do século, é que não fazia parte de uma oligarquia baseada em laços de parentesco. A ligação a uma oligarquia política se fazia mais pela influência econômica e política, criada por vários mecanismos do que exclusivamente pela herança familiar.

Segundo Hagopian,

*In Brazil, Traditional elites dominated the state during the Old Republic, qua agrarian elites. By the change of regime in 1964, however, they had, in many parts of Brazil, become state elites. This transformation occurred much sooner in Minas Gerais than elsewhere. Their defining characteristic was political; the most material resources were becoming ever more heterogeneous, but their manipulation of public resources. Through their control of the state apparatus traditional elites developed their most important power base, acquiring the allegiance of local political bosses - the coroneis - in exchange for dispensation of the public resources at their command. The more secure their state power base, the more prominently they figure in political power<sup>14</sup> .*

Antônio fazia esse papel de sustentação de uma elite de estado, antes elite agrária, através dessa simbiose política comum em Minas: votos por recursos públicos. O interessante é notar como esse papel de Antônio se baseia no apoio de elites tradicionais, em convivência com a ascensão de novas lideranças que se encaixavam nesse modelo de simbiose

---

<sup>13</sup> ARRUDA, op. cit. pp. 231/232.

<sup>14</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy: the Persistence of Tradicional Elites in Contemporary Brazil* . Massachusetts Institute of Technology, 1986 (tese, Phd em ciências políticas), p.33.

política, sem pretensões a cargos mais altos, ou a vôos políticos mais acentuados: Antônio inseriu-se no jogo político local através dessa relação com a elite de estado, sem manter relações de parentesco com essa oligarquia.

A figura do coronel é visto por Cintra<sup>15</sup> como intermediador desse sistema vertical, uma intersecção entre o privado e o público, local e estado. Comprovando esse papel de intermediador político, Antônio era ligado, no plano estadual, a Euclides Pereira Cintra, deputado estadual brasopolense, eleito consecutivamente entre 1951 e 1986. Podemos ver em Antônio um *mediador*<sup>16</sup>, porém em menor escala, pois a sua inserção numa política mais abrangente se fazia através do apadrinhamento de outro *mediador*, Euclides Pereira Cintra, que articulava essas dimensões (periferia e centro) através do apoio de “semi-mediadores” como Antônio, numa espécie de simbiose política. Euclides, exercendo mandatos legislativos, distanciou-se de sua base política. Embora sem as relações pessoais com o eleitorado, sua base era mantida através da influência de coronéis locais, como Antônio. Portanto, suas sucessivas reeleições estavam devidamente vinculadas ao apoio de homens como Antônio, que controlavam no “cabresto” uma quantidade razoável de votos. Euclides, durante sua vida política, passou por vários cargos executivos no governo de Minas, o que pode dar uma idéia da ligação efetiva entre política local e estadual executada por Antônio, que transformava em votos o apoio recebido de Euclides, conseguindo perpetuar-se no poder.

Retomando o trabalho clássico de Nunes Leal<sup>17</sup>, vemos que o coronelismo é fruto de uma conjunção entre o poder público e o privado, baseado numa estrutura agrária marcada

---

<sup>15</sup> CINTRA, Antônio Otávio. “Tradicional Brazilian Politics: An Interpretation of Relations Between Center and Periphery”. In AGUIAR, Neuma (ed.). *The structure of Brazilian Development*. New Brunswick, Transaction Books, 1979, p. 128.

<sup>16</sup> Cf. SILVERMAN, Sydel. “Patronage and Community-Nation Relationships in Central Italy” in SMITH, S. W. *Friends, Followers and Factions*. Berkeley, University of California Press, 1977.

<sup>17</sup> Op. cit.

pelos grandes latifúndios. O principal instrumento de pressão do coronel era o voto de curral, através do qual se firmavam os acordos entre os chefes locais e os governos estaduais. Assim, “A política dos “coronéis” consistia precisamente nesta reciprocidade: carta branca, no município, ao chefe local, em troca do seu apoio eleitoral aos candidatos bafejados pelo governo do Estado.”<sup>18</sup> Essa é a situação em que se encontrava Antônio, no papel de chefe local, com pouca influência fora de sua área, mas com uma influência quase militar em Dias. Essa influência era acentuada pelos favores econômicos concedidos, que transformavam em “endividados” a maioria daqueles que estavam sob seu mando. Esses favores econômicos consistiam em empréstimos aos pequenos agricultores que não tinham condições de fazê-lo em bancos, ajudas em momentos críticos, como casos de doenças, acidentes, dívidas. Formava-se um grande espectro de relações clientelistas, que fazia dessa população, em sua maioria rural, o “curral” de Antônio. Uma relação de troca assimétrica era a base dessa dominação, semelhante a situação narrada por Lanna<sup>19</sup>.

Além disso, as sucessivas eleições para vereador e seu papel fundamental para a decisão de qualquer eleição em Brasópolis, fizeram dele um “grande pai” em Dias, com uma imagem bastante sóbria e respeitável. Um grande chefe conservador que zelava pela segurança e pelos bons-costumes na localidade. Essa posição era um reflexo do seu papel como o vitalício “prefeito virtual” de Dias, pois tendo sido vereador por vários mandatos, esforçava-se sempre para conseguir benefícios para o distrito. Assim, ele conseguiu verbas para quase tudo que existe em Dias, desde a quadra de esportes até a escola pública de 1º grau. Era, dessa forma, o principal benfeitor de Dias, sempre se esforçando para melhorar o bairro e reforçar a dependência que a população tinha da sua pessoa.

---

<sup>18</sup> NUNES LEAL, op. cit., p. 88.

<sup>19</sup> LANNA, Marcos. A dívida divina: troca e compadrio no nordeste brasileiro. Capinas: ed. Unicamp, 1995.

## **Chefes e chefetes**

Analizando Matriz, na grande São Paulo, Feldman-Bianco<sup>20</sup> demonstra a disputa de dois chefes para assumir o posto de cliente das elites tradicionais. Importava a quantidade de votos arregimentados e não as pessoas que os dominavam, como argumenta Hagopian. Feldman-Bianco demonstra como, no entanto, esses chefes locais se mantêm periféricos ao sistema político e econômico mais abrangente, como Antônio. A diferença é que Antônio não foi desafiado por nenhum chefe emergente, podendo cuidar tranqüilamente de sua base eleitoral. A autora expõe, também, como esses chefes locais também funcionavam como mediadores<sup>21</sup>. Piscitelli<sup>22</sup> também demonstra a transição do poder local de uma família (de uma pequena cidade do sul de Minas) para outra no começo do século, e como essa última, uma vez ligada à elite estadual (através do PRM) não perde mais sua influência.

Antônio foi, durante mais de 40 anos, o homem mais poderoso de Dias e um dos mais influentes da região, obtendo através da sua atividade econômica um número muito grande de eleitores. Basta ver que essa influência fez dele o vereador mais votado em quatro de seus seis mandatos para vereança. A influência sobre esse eleitorado fazia dele um mediador político de grande prestígio na política mineira regional, tendo colocado a sua base política local a serviço de vários figurões da política estadual, como vimos acima. Entre outros nomes, Juscelino e Tancredo são dois renomados políticos constantemente citados pelas pessoas de Dias como mantenedores de uma relação clientelística com Antônio.

---

<sup>20</sup> FELDMAN-BIANCO, Bela *The Petty Supporters of a Stratified Order: The Economic Entrepreneurs of Matriz*, São Paulo, Brazil (1887-1974). Nova York: Columbia University, 1981. (Tese, Phd em Antropologia)

<sup>21</sup> SILVERMAN, Sydel. *Patronage and Community-Nation Relationships in Central Italy* in S. W. Smith, *Friends, Followers and Factions*. Berkeley: University of California Press, 1977, PP. 279-293.

<sup>22</sup> PISCITELLI, Adriana Gracia. *Amor, Paixão e Casamento: Escolha de Cônjuge em Famílias de Camadas médias e Altas do Sul de Minas Gerais..* Campinas: Unicamp, 1990(Dissertação, Mestrado em antropologia social).

Uma de suas filhas, por exemplo, descreveu-me um encontro de seu pai com Tancredo, ocorrido quando ela ainda era pequena: o famoso político viera manifestar sua “amizade e apreço”, nas vésperas de uma eleição para o governo de Minas.

Assim, controlando uma parcela significativa de votos na região, Antônio dispunha de certas facilidades econômicas que se constituíam basicamente em um crédito irrestrito nos bancos estaduais e federais da região. Com esses créditos, concedidos com ou sem as devidas precauções, nossa personagem central foi tratando de ampliar seu patrimônio e sua influência política na região. Além de ser negociador de café, ele começou a investir na produção, comprando fazendas e plantando em grandes quantidades. Seu filho mais velho também o acompanhava nesses passos e começou a administrar as fazendas da família, juntamente com seu pai.

Antônio iniciou sua história política junto com o final do Estado Novo, executando essa função de chefe local, aliado às elites de estado: Na verdade, a oligarquia mineira passou pela ditadura de Vargas relativamente intocada, especialmente se compararmos com a oligarquia paulista. Afinal, por ter apoiado seu golpe e depois ajudado a desmantelar a revolução de 1932, Minas manteve o governador eleito (Olegário Maciel), até sua morte em 1933<sup>23</sup>. Assim, as oligarquias mantiveram-se no poder, dando continuidade à política dos coronéis, mantendo a dependência dos chefes locais do governo estadual. Como afirma a autora: “*Coronelismo may have been more important after 1945 than before, despite the fact we might expect its importance to decline commensurate with urbanization.*”<sup>24</sup>. Com o aumento do eleitorado após 45, a importância de quem controlasse muitos votos era ainda maior, como no caso de Antônio.

A trajetória política de Antônio, em certo momento, teve proeminência sobre sua carreira como comerciante bem

---

<sup>23</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy: the Persistence of Traditional Elites in Contemporary Brazil*. Massachusetts Institute of Technology, 1986 (tese, Phd em ciências políticas), p. 97.

<sup>24</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 105.

sucedido, já que sua atividade econômica era baseada no café, que vinha constantemente perdendo a rentabilidade necessária. De fato, desde o século passado, o café apresentava uma

tendência ao baixo nível de acumulação, como resultado, principalmente do esgotamento das terras sem a possibilidade correlata de abertura de novas fazendas, por causa das limitações da fronteira agrícola. A economia cafeeira em Minas não conseguiu desenvolver um complexo econômico, capaz de gerar um dinamismo auto-sustentado.<sup>25</sup>

Se considerarmos que a parte sul do estado era a maior produtora de café na República Velha, é fácil imaginar o grande desgaste das terras e o baixo nível de produtividade. Nas décadas de 50 e 60, o perfil do estado de Minas mudava, e a participação da agricultura no PIB estadual decrescia vertiginosamente. O estado se industrializava, com grande concentração de capital e poder na área metropolitana de Belo Horizonte<sup>26</sup>. A agricultura passou, nos anos 60, por uma crise marcada pela dispersão espacial da produção, retração da área plantada e diminuição do valor real da produção agrícola<sup>27</sup>. Os negócios de Antônio passaram por uma inflexão paralela e só foi possível sua manutenção na posição de “coronel” devido aos empréstimos concedidos sucessivamente pelos bancos estadual (BEMGE) e do Brasil. Mas mesmo sua influência política teve uma inflexão, pois foi justo no período de 59 a 63 o único em que Antônio não manteve um cargo na vida pública de Brasópolis.

Porém, a partir dos anos 70, com apoio dos governos militares, iniciou-se um programa de recuperação da cultura

---

<sup>25</sup> ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*, São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 196.

<sup>26</sup> PAIVA, Paulo. Introdução. In *III Seminário de Economia Mineira*. Op. cit..

<sup>27</sup> LEMOS, Mauro Borges & NABUCO, Maria Regina. A Rota do Capital Agrícola em M.G. na Década de Oitenta. In *III Seminário de Economia Mineira*. Op. cit. p. 184.

cafeeira de Minas. Foi o PRRC, plano de renovação e revigoramento dos cafezais.

Assim, tanto a política do governo federal direcionada para o café, como a política estadual de investimentos, favoreciam a capitalização do setor: infra-estrutura básica de apoio (como transporte e sistema de seleção e armazenamento), crédito para investimento, custeio e comercialização, assistência técnica, etc. O café vai liderar a arrancada da estagnação, saltando a taxa anual média de crescimento do PIB agrícola, de 1,6% no quinquênio 1962/67, para 5,9% no seguinte (1967/73), e para 6,6% no período 1973/80.<sup>28</sup>

Minas passou a ser, então, o maior produtor de café do Brasil, conforme atesta Diniz<sup>29</sup>. Essa ajuda federal ofereceu uma injeção de capital aos desgastados cafezais sul mineiros, e dessa situação Antônio tirou todo o proveito possível: começou a investir na própria plantação de café, ao invés de apenas negociá-lo. Com esse salto da economia local, sustentada pelo financiamento do governo, o chefe local teve sua posição revigorada, formando o que considerarei o auge de sua vida econômica e política. Basta ver que no quadriênio 1971/75, Antônio foi eleito vice-prefeito do município, adquiriu o título de comendador e foi, nos dois mandatos seguintes, presidente da câmara municipal, como vereador mais votado. Mas essa ascensão teve o preço dos sucessivos empréstimos bancários realizados, que depois se mostraram responsáveis por sua derrocada financeira.

Com a ascensão do poder militar, no chamado “autoritarismo-burocrático”<sup>30</sup> e a mudança de poder para as

---

<sup>28</sup> LEMOS, Mauro Borges & NABUCO, Maria Regina. *A Rota do Capital Agrícola em M.G.* op. cit. p. 185.

<sup>29</sup> DINIZ, Clélio Campolina. *O Paradoxo Mineiro: Fortalecimento Econômico e Enfraquecimento Político.* In *III Seminário de Economia Mineira.* Belo Horizonte: CEDEPLAR/Face/UFMG, 1986.

<sup>30</sup> O'DONNELL, Guillermo. *Modernization and Bureaucratic-Authoritarianism.* Berkeley: Institute of International Studies, University of California, 1973.(tese, Phd em ciências políticas)

“elites-técnicas”, Hagopian considera que a oligarquia patronal encontrava-se num momento crucial<sup>31</sup>. A autora demonstra como a elite tradicional se transformou numa elite de Estado, acentuando esse processo após 64<sup>32</sup>. Antônio tem a continuidade de seu poder local acentuado nesse período, quando o clientelismo de Estado se acirrou e de cujo esquema era peça integrante, como um intermediador local de relativa importância.

As bases desse poder das elites tradicionais são mesmo essa rede de oligarquias municipais baseadas no coronelismo, numa simbiose política da qual participava Antônio, que troca votos por favores de estado através de toda uma região, como no caso de Minas Gerais. Segundo Hagopian,

*politicians who could make the patronage system work and deliver votes to the regime were as critically important, indeed, more so for the stability of the state capitalist regime as these same elites, or theirs fathers, had been to the Old Republic and populist coalition government.*<sup>33</sup>

Antônio teve, assim, sua função ainda mais destacada como intermediador local, durante o regime militar.

Entre 1960 e 1977, Minas industrializou-se brutalmente, com a maior taxa de crescimento do Brasil, fortemente apoiado pelo regime militar. Se durante esse regime acreditou-se que as elites tradicionais estariam fora do poder e que militares, burocratas e técnicos civis tomariam

---

<sup>31</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 36.

<sup>32</sup> “The Minas elite took refuge in the state, and made use of clientelistic political parties to integrate politically participating and non-participating citizens” (Hagopian 1986:115); “a modern, state-based political clientelism became the dominant form of political organization and representation for a growing segment of the population left behind in the ‘miracle’. These state clients looked to the public economy and the elites who controlled the distributional arm of the state to deliver the state benefits upon which came to depend. Traditional elites employed this resource base as a source of dominance and power.” HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 38.

<sup>33</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 48.

conta do aparato do Estado, em Minas a situação não foi tão abrupta: “In Minas, in the early to mid 1970, traditional political elites and technocrats “shared” the state.”<sup>34</sup> Assim, não há contradição que essa seja justamente a época em que Antônio mais se destacou em sua carreira política. Continuava servindo aos interesses da elite tradicional, ainda encastelada no Estado. Os “seus” votos continuavam a dar-lhe crédito suficiente para se manter como chefe local não questionado. Tanto é que a carreira de Antônio nos anos setenta coincide com um aumento do sistema de patronagem de estado, num período em que “The state in Minas Gerais in the 1970s expanded traditional patronage programs and developed new ones.”<sup>35</sup>

“Traditional local bosses easily dominated local politics and resisted any incipient challenges to their rule, helped elect and reelect federal and state deputies, and contributed to the durability of state elite factions”<sup>36</sup> – Aqui temos um resumo do tipo de inserção de Antônio na política mineira durante o período militar. Como um chefe local, apenas *acentuou* a influência de que já dispunha desde o fim do Estado Novo. O clientelismo de Estado acirrou-se nesse período e desse acirramento saíram fortalecidos chefes locais como Antônio e Euclides. Assim, podemos entender também como Euclides se reelegeu deputado por oito vezes consecutivas e Antônio tenha ficado no poder, em Dias e Brasópolis, por mais de 40 anos.

Dessa forma, ele passou durante mais de quatro décadas como o virtual “prefeito” de Dias, sendo responsável

---

<sup>34</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 192. A autora procura demonstrar como a elite não perdeu espaço durante os governos militares, pois na seqüência destes, os governadores e postos de alto escalão eram ocupados por membros dessa elite. “(T)ecnocratic presence in government did not long divorce traditional elites from their sources of clientelism.” Idem, p.217.

<sup>35</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 244.

<sup>36</sup> HAGOPIAN Frances. *The Politics of Oligarchy ...* op. cit. p. 291.

por tudo que acontecia no Distrito. Era respeitado e temido por todos, que inevitavelmente viam nele a única autoridade local. Porém, a sua grande vontade de ascensão econômica também foi a principal causa de sua falência, pouco antes de sua morte. Com grandes empréstimos para financiar a produção de café em 1980, no qual estavam envolvidas suas fazendas e sua saúde financeira, viu toda safra ser comprometida por uma grande geadada, que simplesmente arrasou todo o café da região. Quem não tinha lastro para quitar as dívidas com os bancos, faliu e perdeu o patrimônio para pagá-las. Antônio tinha realizado, nessa época, vários empréstimos para financiar a produção e a compra de outra fazenda, e quando se viu privado da colheita, não teve como pagá-los. Seguiu-se a liquidação do seu patrimônio, que teve como consequência a venda de suas terras e da máquina de café. Antônio faleceu dois anos depois e seus herdeiros ainda tiveram que liquidar algumas dívidas, no que foram liderados por José Carlos, um dos seus quatorze filhos.

### **Transmissão de poder**

Embora não descenda de uma família estabelecida e se enquadre muito mais no modelo do *self made man*, não é possível ver em sua vida algo diferente da atitude mais comum dos coronéis da região. Com sua ascensão e sua influência política, veio também a tona sua família, que passava a atuar unida, em busca da consolidação da sua posição econômica, tentando estendê-la ao seus membros. Antes, vamos “passar os olhos” rapidamente pelos membros da família Gomes de Oliveira e tentar ver um projeto familiar dentro dessa conjuntura de ascensão social.

Antônio teve cinco irmãos, quatro homens e duas mulheres. Desses irmãos apenas um se casou, Mário Gomes de Oliveira; dois morreram ainda jovens e outros faleceram em idade avançada. Vemos, como é comum em Minas, um forte tendência de ajuda aos irmãos casados, como se apenas

esses fossem os parceiros no projeto familiar. Os tios solteiros simplesmente não constam na memória dos filhos de Antônio. Há um certo vazio na memória. Porém, Mário teve sua parcela nesse projeto de ascensão familiar, ajudando-o em todas as fases de sua vida, uma espécie de braço direito, que também participava dos negócios em conjunto.

Dos quatorze filhos de Antônio, seis são homens e, portanto, oito mulheres. A educação das mulheres era muito rígida e conservadora, e Antônio queria evitar a todo custo que as filhas estudassem mais que o necessário, ou seja, o magistério em Brasópolis. Apenas uma delas, Maria Auxiliadora (Dora) conseguiu estudar e fazer o curso de pedagogia, com muita resistência do pai. As mulheres não deveriam participar da vida econômica principal, mantendo-se fora dos negócios e apenas cuidando de afazeres ligados à casa e, no máximo, ao magistério. Mas mesmo o magistério deveria ser executado ali mesmo em Dias. De fato, Dora e Quinha (outra das filhas) foram professoras no grupo escolar de Dias, cumprindo assim um papel dentro do distrito e fazendo parte da “administração” informal que Antônio exercia na localidade. Aos homens, então, cumpria trabalhar nos negócios do pai, como fizeram os dois filhos mais velhos, e também estudar, como os filhos mais jovens. Desses seis filhos homens, apenas o terceiro formou-se no terceiro grau. O quarto desistiu dos estudos para ser comerciante em Brasópolis, e o quinto faleceu ainda muito novo e o mais jovem, em decorrência de um parto muito difícil, teve graves problemas mentais. Assim, a parte da família destinada a estudar ou ajudar o pai nas tarefas econômicas ficou reduzida aos quatro homens mais velhos.

Os dois filhos mais velhos seguiram o mesmo caminho do pai: a falência após a geada de 1980, tendo todos os bens levados por essa desgraça meteorológica. José Jonas, em seguida, também adoeceu e veio a falecer, enquanto José Benedito mudou-se para Itajubá, onde passou a trabalhar

como peão numa fábrica. José Luís tornou-se comerciante em Brasópolis. O único a se formar foi José Carlos que, mesmo trabalhando fora, no Guarujá, foi o responsável pelo saneamento das dívidas deixadas pelo pai, em conjunto com Dora, sua irmã. Esses dois filhos são os mais importantes para o nosso interesse, pois são os que tentaram ocupar, de formas bastante diferentes, o lugar deixado pelo pai após sua morte. Veremos a seguir qual era exatamente esse lugar na história de Dias, e na história política da região.

### **Um outro espaço político**

No período de sua falência e a de seus filhos que o acompanhavam nas plantações de café, faliu toda a economia de Dias, pois os outros plantadores de café também sofreram a mesma geada. Até a máquina de beneficiamento foi vendida e passou a funcionar muito pouco. Vários perderam, nesse processo, seus empregos. O dinheiro parou de passar por Dias e viveu-se, por lá, uma grande crise, que se refletiu no plano político. O distrito deixou de ser, a partir de então, produtor de riqueza, procurando alternativas econômicas que implicaram num novo perfil “dormitório” para o Dias. Muitas pessoas passaram a trabalhar fora. Antônio sobreviveu dois anos à sua falência e, num panorama de caos, era ainda uma referência para as pessoas. Porém, após sua morte, o espaço político ficou realmente vazio durante algum tempo. Apenas lentamente veio se reconstituindo e esse processo se estende até os dias de hoje.

A forma de poder executada por Antônio era semelhante, mas em menor escala, à das elites políticas tradicionais, com a conseqüente centralização política em torno da sua figura. Porém, ao vermos Antônio como criador de um pequena elite local emergente, vemos que a forma de transmissão desse poder mudou de figura, em parte também devido à sua falência econômica e a incapacidade de manter um “curral” eleitoral eficiente. Pois não foi apenas a falência

de Antônio que resultou nessa decadência de sua “elite emergente”, mas a falência do café na região, que lhe roubou a sua base de sustentação política diretamente vinculada às relações clientelistas. A continuidade de sua influência, de fato, não pôde ser verificada, devido a sua morte logo após sua falência econômica.

Porém, como não fazia parte de uma elite já estabelecida, a continuidade de seu poder se viu comprometida com sua morte, já que não se faziam claras as formas de continuidade desse processo. Não houve tempo de reforçar essa estrutura de dominação. No entanto, o preenchimento do poder em Dias, a partir da desestruturação das bases político-econômicas de Antônio, revelam uma certa continuidade familiar no seu desenvolvimento. Dessa forma, a “elite” se manteve no poder, embora tenha ressurgido de uma forma bastante diferente, através de outras características básicas. A reorganização do poder se fez a partir “de fora”, com a influência dos filhos de Antônio (José Carlos e Dora) que estudaram e tinham seus empregos em outras cidades.

A característica principal deste momento, no começo dos anos 80, era a extrema movimentação das pessoas. Muitos trabalhavam em Brasópolis e moravam em Dias, outros trabalhavam em Itajubá. Outros foram tentar a vida em outras cidades, desistiram e voltaram, outros ainda foram viver em outras cidades e depois de muito tempo voltaram, já aposentados, para morar em Dias. Mesmo quem nunca saiu de fato de Dias sempre percorria as cidades circunvizinhas para fazer compras, se divertir, etc. (é bom lembrar que Dias fica à beira da rodovia que liga Brasópolis à Itajubá, São José dos Campos, Pouso Alegre, etc.). A educação das crianças era também outro estimulador dessa movimentação extrema, pois a vila contava apenas com uma escola de nível primário, forçando as crianças e jovens a estudarem em Brasópolis (muitos faziam o curso técnico em eletrônica, único

disponível em Brasópolis). A relação com Dias passou a ser marcada por essa característica de movimentação das pessoas, de comparação com outros lugares, por uma eterna divisão entre Dias e o “mundo”.

Este verdadeiro “lugar ampliado”<sup>37</sup> é o elemento importante para o entendimento das relações entre os habitantes de Dias e entre estes e os acontecimentos dentro e fora da vila. O lugar ampliado baseia-se, antes de tudo, num modo de vida específico que é construído através do tempo e que pode ser atingido em maior ou menor grau segundo os ritmos específicos de vida de cada um. Podem mesmo não ser cumpridos de forma alguma, porém isso implica num isolamento da vida política do lugar. Quanto mais próximos desse padrão ideal de vida, mais respeitadas se tornavam as pessoas nesse contexto. Mas devo salientar que esse lugar ampliado é fruto do ação de determinados núcleos de pessoas, que legitimam sua influência a partir de um discurso de inclusão e exclusão, na medida em que vivenciaram esse modelo de vida. Assim, quem não participou desse modo específico de vida é o “outro”, visto como ignorante, atrasado e incapaz de perceber as qualidades do “nós”, ou seja, são os *outsiders* de Elias<sup>38</sup>.

Esse lugar ampliado é o que poderíamos chamar de uma “percepção ampliada do lugar”, que leva à construção simbólica da vila numa dimensão maior que sua própria localidade física. Dentro de um espaço maior se encontravam vários pedaços do ‘lugar’ que é a vila, mas que não estavam nela própria. Em todos os sentidos, os espaços da vila foram ampliados. Por exemplo, em termos econômicos, pois a maioria das pessoas tem ou tiveram empregos fora da vila

<sup>37</sup> Sobre a idéia de “lugar ampliado”, ver MACHADO, Igor José de Renó. Lugar ampliado, espaço e poder. *Campos Revista de Antropologia Social*, Curitiba, Paraná, v. 02, p. 101-116, 2002.

<sup>38</sup> ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os Outsiders. *Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar 2000

ou precisavam deixá-la para vender a produção em feiras de cidades locais. De forma geral, a aquisição do dinheiro era, na década de 90, sempre ligada às cidades em volta de Dias. Os atos mais banais na vida cotidiana, como as compras de supermercado, eram feitas sempre fora, nos mercados dessas cidades. A educação formal das crianças e jovens era feita fora, um processo de socialização no lugar ampliado da vila: a escola da vila tinha apenas os quatro primeiros anos do primário. Portanto os quatro anos restantes, o secundário ou técnico e o terceiro grau tinham que ser feitos fora da vila.

O fato é que a vila era vista como maior que a sua dimensão territorial, incluindo os espaços pelos quais seus membros costumam passar e também os espaços pelos quais eles ainda passariam, abrindo portas para as pessoas que ficavam e ampliando ainda mais o espaço da cidade. Assim, a passagem por essa ampliação da cidade (pelos seus espaços fora dela mesma) era também uma legitimação do papel desses membros na comunidade. Quando passavam pelos lugares habituais da vila em outras cidades (como as escolas, os mercados, trabalhos fixos, etc), tornavam-se mais “completos”, pois todos deveriam passar por esse papel. Os que o cumpriam de maneira mais completa eram mais “legítimos”, tinham mais influência política sobre os membros locais e maiores qualificações para enfrentar as disputas políticas no interior da vila.

A vivência do lugar ampliado permitiu, ou levou, a um acúmulo de capital cultural determinante para a qualificação do capital social dos indivíduos<sup>39</sup>. Quem se movimentava mais, adquiria mais capital cultural, o que levava a um maior capital social. A movimentação em si trazia para os indivíduos

---

<sup>39</sup> BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge:Cambridge University Press; 1977; Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. 191p; *O poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

que a executavam mais conhecimentos, ou nas palavras nativas, mais *vivência*. Essa *vivência* era um acúmulo de experiências oferecidas pela passagem por diferentes lugares, pelo contato com pessoas diferentes e também por possibilitar um maior capital econômico. A *vivência* era a base da distinção entre os classificados como *gente pequena*<sup>40</sup> e os demais que se movimentavam, legitimando a dominação destes sobre os primeiros. Uma distinção entre estabelecidos e *outsiders*. Em contraposição com a agricultura da *gente pequena*, o capital cultural acumulado dos que tinham *vivência* estava também ligado ao capital econômico que os trabalhos fora de Dias ofereciam.

O desenvolvimento histórico da movimentação como o lugar ampliado de Dias e o universo simbólico dela resultante influem na vida de todos, mesmo nas da *gente pequena*. Esses últimos reconheciam nessa movimentação o principal capital cultural da vida local, legitimando a própria dominação a que estavam submetidos, pois acreditavam que é preciso ter *vivência* para ser alguém. É por isso que tentavam viver algum tipo de movimentação, qualquer que seja, para também adquirirem capital social. Virtualmente todos buscavam movimentar-se de alguma forma, ou participando de feiras nas cidades vizinhas, ou tentando arranjar trabalho fora de Dias, nunca conformando-se à situação de agricultores. Todos, por exemplo, incentivavam a educação dos filhos em Brasópolis, o que já lhes conferia um *status* diferente. As relações de dominação em Dias eram mediadas pelo tanto de capital social adquirido, mas o porquê da movimentação ser aceita como esse capital por todos na vila pode ser entendido através da idéia de lugar ampliado.

A questão da movimentação foi levantada em vários trabalhos clássicos (Evans-Pritchard e a movimentação dos Nuer entre as estações do ano; Malinowski e o circuito do Kula,

---

<sup>40</sup> Vivência e gente pequena são palavras “nativas”.

Leach e as mudanças dos Kachin entre Gunsa e Gumlao; Gluckman e as movimentações da população Zulu no sistema social; etc..). No entanto, foi tratada sempre como uma contingência de algum sistema social, nunca como uma qualificadora, em si, de sistemas sociais. Vincent<sup>41</sup>, no seu texto sobre os fluxos agrários, foi quem tratou da movimentação como um problema em si. Trouxe para a cena o termo “fluxo”, propondo que estudássemos as próprias movimentações dos agentes através do território, visualizando novas configurações sociais que a análise meramente focada na localidade deixaria de ver. A partir de então, vários estudos se fizeram com a consciência da importância da movimentação. Uma parte desses estudos trata de populações desterritorializadas internacionalmente por processos migratórios, exílios, etc. Populações que reconstróem esses territórios em outros lugares<sup>42</sup>. Esses trabalhos questionam a relação dada como natural entre território e identidade, a partir da consideração do fenômeno da movimentação. Nesse sentido, o meu trabalho acrescenta uma perspectiva “nacional” a essas análises, verificando, a partir de um lugar construído (Dias) como a movimentação das pessoas também constrói ou reconstrói lugares *fora* de Dias, transformando a vila num lugar maior do que ela mesma. Apresento assim, um exemplo de movimentação, de desterritorialização e reterritorialização dentro de um território nacional, qualificando os vários tipos

---

<sup>41</sup>VINCENT, Joan. A Sociedade Agrária Como Fluxo Organizado: Processos de Desenvolvimento Passados e Presentes, In FELDMAN-BIANCO. *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

<sup>42</sup> Conferir GUPTA, Akhil. The Song of the Nonaligned World: Transnational Identities and the Reinscription of Space in Late Capitalism. In *Cultural Anthropology*, Vol 7, N°1, Fev 1992; GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. Beyond ‘Culture’: Space, Identity, and Politics os Difference. In *Cultural Anthropology*, Vol 7, N°1, Fev 1992; MALKI, Liisa. National Geographic: the Rooting of Peoples and the Territorialization of National Identity Among Scholars and Refugees. In *Cultural Anthropology*, Vol 7, N°1, Fev 1992.

de movimentação que se apresentam.

### **Comentários finais**

Vimos como a trajetória do “coronel” Antônio traduziu uma transformação nas bases locais de organização do poder, embora os atores nesse novo cenário sejam seus próprios filhos. Ou seja, tratamos de uma modificação na forma e não dos grupos que exercem influência política neste novo cenário. A grande ruptura da história política local deveu-se ao fato da movimentação (entendida como um lugar ampliado) ter-se desenvolvido e consolidado gradualmente como a determinante da vida política após a morte de Antônio. A importância da *vivência* acentuou-se principalmente na década de oitenta, juntamente com a transformação das características econômicas do distrito, que de produtor de café passou a ser uma “comunidade-dormitório”.

Assim, o lugar ampliado surgiu como uma novidade no mundo político de Dias, mas sem romper com as heranças do poder de Antônio. Na verdade, essas duas ordens de poder não se contradizem, pois os filhos de Antônio usufruíram do poder de seu pai e alguns deles foram introduzidos na vida política através de suas mãos. Assim, a herança da influência não deixou de se transmitir, mas não da forma como as elites tradicionais o fazem, segundo Hagopian. O novo cenário político foi diluído por essa “elite da movimentação”, na qual alguns filhos de Antônio encontram-se em destaque. No entanto, dividem esse cenário político com novos integrantes, antes sem voz política. A política se reestruturou em outras bases, onde o poder não era tão concentrado, nas quais o acesso às tomadas de decisão estavam mais próximas e onde a competição política não estava claramente regulada. O cenário político era, na década de 90 do século passado, mais democrático, embora restrito a uma certa elite, mais numerosa.

## **Trajatória do poder e transformações na vida política (sul de Minas, Estação Dias, 1940-1990)<sup>43</sup>**

Igor José de Renó Machado

**Resumo:** Esse trabalho tem como preocupação analisar a história de um pequeno “coronel” de um distrito de uma cidade sul-mineira e, através de sua trajetória, retratar um processo comum de relações e também de transformações políticas ao longo dos cinquenta anos que nos interessam. Faremos também uma pequena reconstrução histórica da vida política de Minas que remonta à República Velha, para explicar a trajetória de Antônio Gomes de Oliveira a partir dos anos 40. Por fim explicamos como a vida política se transformou nos anos 90, sendo o poder exercido a partir de outros referenciais.

**Palavras-Chave:** Minas Gerais, História política, política local

**Abstract:** This work analyzes the history of a small “colonel” of a Town District in the south part of Minas Gerais’ Brazilian State. This article portrays a common process of relations and also of transformations during the Second half of the last century. We will make a small reconstruction of the political life of Minas Gerais that focuses the Old Republic to explain the trajectory of Antônio Gomes de Oliveira from years 40. Finally we explain how the political life had transformed at the end of the 20th century.

**Key words:** Minas Gerais, Political history, Local level politics

Artigo recebido para análise em 06/05/2004

Artigo aprovado para publicação em 11/08/2005

---

<sup>43</sup> Esse trabalho é uma versão modificada do capítulo 3 da dissertação de mestrado “Dias em movimento: espaço e poder numa ‘comunidade-dormitório’ mineira”, defendida em agosto de 1997, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), orientada por Bela Feldman-Bianco e financiada pelo CNPq.